

O LEGADO DO AMOR

Jane Landin Ramirez

Era uma manhã de outubro. Como sempre, eu corria para aprontar nossos filhos para a escola e para me arrumar para o trabalho. Kevin estava na segunda série, e Joe, na quinta.

Como meu marido, Sandy, tinha as manhãs livres, ele era o responsável por nosso café da manhã.

_ Papai, você pode me levar para a escola hoje? - Kevin perguntou.

- Sinto muito, filho. Seu papai vai queimar umas calorias andando de bicicleta.

Ele olhou para mim e piscou:

- Quero entrar no terno novo que mamãe comprou para mim.

Sandy acabara de ser promovido a subgerente em seu trabalho, e nós estávamos orgulhosos dele.

- Não se esqueçam, vou levar uma garota especial para jantar Fora esta noite - ele acrescentou.

Sandy sempre foi muito romântico. Ele havia me conquistado no primeiro ano colegial e, 20 anos depois, ainda me fazia corar.

- Tchau, papai. Tenha cuidado ao andar de bicicleta! - Joe lhe disse enquanto íamos para o carro.

- Até mais tarde. Amo vocês! - Sandy disse acenando para nós da porta da frente.

Deixei os meninos na escola e corri para o escritório. Minha manhã estava ocupada demais, por isso decidi trabalhar durante o almoço. Nada me impedirá de Jair daqui na hora certa hoje!, pensei.

Mas, pouco depois das 3 horas, Rose, uma colega de trabalho e amiga, entrou em minha sala.

- Jane, aconteceu um acidente - ela me disse. - Sandy está no hospital.

- É grave? Por que não me ligaram? Em que hospital ele está?

Quem telefonou para você? - perguntei em pânico.

- Acalme-se, Jane. Eu não sei se é grave. Foi o chefe dele quem me ligou. Alguém do hospital ligou para ele. Venha, leve você até lá - ela disse.

Meu coração disparou quando me aproximei do balcão de recepção da sala de emergência e perguntei por meu marido.

O atendente telefonou para alguém.

- A esposa está aqui - disse calmamente e, então, virou-se para mim e disse: - Já estão vindo conversar com a senhora. Por favor, aguarde.

- Ele está bem? Onde ele está? Posso vê-lo?

- Por favor, espere aqui, senhora. Alguém logo virá falar com a senhora.

O capelão do hospital aproximou-se e, gentilmente, conduziu-me a uma sala particular.

- Seu marido está aqui desde as 9h30 da manhã. Os enfermeiros nos informaram que ele foi atropelado quando andava de bicicleta. O médico virá para conversar com a senhora. Quer que eu avise a mais alguém?

É um pesadelo, eu já vou acordar, pensei, atordoada e sem fala.

Nesse instante, Rose entrou na sala. Sua expressão de preocupação fez com que as lágrimas que eu estava segurando escorressem por minha face. Ela me fez sentar e começou a telefonar para minha família e para nosso pastor.

- Sua irmã trará os meninos - disse-me.

O médico entrou na sala, e eu levantei, de um salto, para conversar com ele.

- Sou o Dr. Gray. Seu marido está na UTI. Temo que as notícias não sejam boas. Ele sofreu um forte traumatismo no crânio e na espinha. Tivemos que amputar sua perna esquerda para controlar a hemorragia. Ele respira com a ajuda de aparelhos, e o suprimento de sangue que seu cérebro está recebendo é de somente 2% do nível normal. Seus ferimentos foram tão graves que é um milagre ter sobrevivido. Sinto muito... não há mais nada que possamos fazer.

Minhas pernas amoleceram, e eu tive que ser amparada. Raiva e culpa me consumiam, e eu severamente os censurei:

- Ele está sozinho aqui há todo esse tempo! Por que vocês demoraram tanto a me avisar?

O capelão respondeu:

- Seu marido não portava nenhuma identificação, e a polícia tinha somente as iniciais gravadas em seu anel para descobrir quem ele era. Uma das enfermeiras, ao ver o anuário, reconheceu-o e lembrou-se de onde ele trabalhava. O chefe dele nos disse que tentaria localizá-la. Sinto muito pela demora.

- Por favor, deixe-me vê-lo! - disse com um nó na garganta.

- Ele está inconsciente. Seus ferimentos o desfiguraram, e ele está entubado. Essa imagem pode ser chocante - explicou o Dr.

Gray.

- Preciso vê-lo agora! - insisti.

Segui o Dr. Gray. Ao me aproximar de Sandy, lágrimas vertiam de meus olhos. Acaricieei suas mãos frias e beijei sua testa.

- Estou aqui, amor. Sinto muito por não ter chegado antes - disse carinhosamente.

Milhões de pensamentos passavam por minha mente como flechas: Estou com tanto medo... não dei o que farei sem Sandy, sinto-me Jó. Por favor, ajuda-me, Senhor. Por que isto aconteceu? Sinto-me tifo impotente... Querido Deus, por favor, poupa-o de sofrimento... Senhor, ajuda-me a ser forte para os meninos.

- Amo você - sussurrei. - Você está nas mãos de Deus agora.

Eu queria tanto que Sandy abrisse os olhos e me dissesse que tudo ficaria bem!

Nosso silêncio foi interrompido por um toque em meus ombros. Dr. Gray me pediu que o acompanhasse. Do lado de fora do quarto, havia duas outras pessoas.

- Senhora Martinez, sei que está passando por um momento extremamente difícil. - disse Dr. Gray. - Eu gostaria poder dizer-lhe de uma maneira mais fácil, mas há pouco tempo. O coração de seu marido e outros órgãos vitais não foram comprometidos pelo acidente, e aqui estão

duas pessoas do banco de órgãos. Elas gostariam de conversar por alguns instantes com a senhora.

- Por favor, Dr. Gray, o senhor tem certeza de que não há esperança?

Solidário, ele respondeu-me:

- Eu desejaria lhe dizer o que a senhora quer ouvir, mas, por favor, ouça o que essas pessoas têm a dizer.

Eu nunca havia pensado sobre doação de órgãos. Sandy e eu nunca havíamos conversado sobre esse assunto, e a ideia era assustadora. Mas eu as ouvi. Gentilmente me pediram que considerasse a possibilidade de doar os órgãos de Sandy. Tudo estava acontecendo de maneira tão rápida que fiquei aliviada ao ver nosso pastor chegar.

O reverendo O'Connor seguiu-me até o quarto de Sandy.

- Sandy não vai sobreviver, e aquelas pessoas estavam conversando comigo sobre doação de órgãos. Eu não sei o que fazer...

- disse-lhe. .

- Jane, o trabalho de Sandy na igreja demonstrava sua natureza dedicada e altruísta. Lembrar-se disso pode ajudá-la a tomar a decisão. É uma escolha, por isso você não deveria tomá-la sozinha.

Os meninos sabem o que está acontecendo? - perguntou-me.

- Não, eles estão a caminho. Eu não sei como vou explicar tudo isso a eles - disse-lhe enquanto voltávamos para a sala de espera.

A sala de espera, que estava repleta, silenciou quando entrei.

Dois meninos assustados correram em minha direção.

- Onde está papai? Por que não podemos vê-lo? - ambos perguntaram.

Peguei em suas mãos e os levei ao quarto de Sandy. Eles olharam para a figura sobre a cama como se fosse um estranho.

- Papai está muito machucado. Ele foi atropelado e bateu a cabeça com muita força. Não tenham medo.

Nós nos aconchegamos em um abraço apertado, e eu comecei a falar-lhes:

- Meninos, os médicos fizeram de tudo para ajudá-lo. Nós o amamos muito, e eu sei que vocês dois querem que ele melhore.

- Sim, mamãe, mas como podemos ajudá-lo? - Kevin perguntou.

- Os médicos não podem mais ajudá-lo, e nós também não, mas há alguém que pode - eu disse.

- Deus, não é, mamãe? - Joe perguntou.

- Sim, Deus; mas, para isso, Ele precisa levar papai para o céu para ir morar com Ele - respondi.

- Mas, então, nós não o veremos mais, como o vovô - solucionou Kevin.

- Papai sempre estará conosco, Kevin. Ele está em nossos corações, e nós o amamos, precisamos deixá-lo ir para o céu, onde ele não irá mais sofrer. Vovô já está no céu, portanto papai não vai ficar sozinho lá. Algum dia, quando formos para o céu, nós os veremos novamente - expliquei.

- Vocês se lembram de como papai gostava de ajudar as pessoas? - perguntei.

- Sim, ele ajudava as pessoas mesmo quando não as conhecia Kevin completou.

- Vocês acham que papai continuaria a ajudar as pessoas se ele pudesse?- perguntei.

- Acho que sim, mamãe, mas como? - perguntou Joe.

- No céu, Deus dará um novo corpo ao papai, sem machucá-los. Por isso, ele não precisará mais desse corpo. Há pessoas que nós poderíamos ajudar a se sentirem melhor se lhes déssemos os lindos olhos verdes de papai ou seu grande coração.

- Papai ainda nos amará se ficar sem seu coração? Ele se lembrará de nós? - Kevin questionou.

- É claro que sim. Papai sempre nos amará, não importa o que aconteça - respondi.

Após um rápido silêncio, Kevin falou:

- Vamos ajudar essas pessoas, mamãe. Papai gostaria de fazer ISSO.

Joe continuou em silêncio por mais alguns minutos. Afagando a mão do pai com suas pequeninas mãos, ele a beijou e sussurrou:

- Amo você, papai. Diga ao vovô que eu também o amo.

Então, rapidamente saiu do quarto.

O restante da família apoiou nossa decisão sem hesitar. Minhas mãos tremiam enquanto eu assinava os papéis de consentimento.

Depois de dar um tempo para a família a sós com Sandy, os cirurgiões foram trabalhar para conseguir o maior número de órgãos possível.

Enquanto minha irmã me levava para casa, pensei sobre o jantar, que não aconteceria, e sobre o terno novo, que seria usado pela primeira e última vez.

Cada carta que recebíamos do banco de órgãos amenizava a dor pela perda de Sandy. Embora as identidades dos receptores fossem mantidas em sigilo, lemos sobre o diretor de uma escola que estava a poucas horas da morte quando recebeu o coração de Sandy. Duas pessoas ficaram livres da diálise depois que cada uma recebeu um rim dele. Dois idosos receberam o dom da visão pelo transplante das suas córneas. Ler as cartas para Kevin e Joe facilitou conversar sobre nossa perda.

Dois meses após o acidente, enfrentamos o primeiro Natal sem Sandy.

- Mamãe, quem vai colocar as luzes de Natal este ano? - Kevin não parava de me perguntar.

Eu sabia que não poderia desapontar os meninos quebrando a tradição familiar de decorar nossa casa com luzes, mas eu não conseguia entrar no espírito de Natal. Até que ela chegou: uma carta do banco de órgãos de tecidos. Eu a li em voz alta, e os meninos ouviram: "Sua generosa doação iluminou a vida de cem pacientes queimados e de suas famílias, algumas com queimaduras de pele gravíssimas."

- Mamãe, papai já se foi há muito tempo e ainda está ajudando as pessoas. - Joe disse orgulhosamente.

- Mamãe, acho que essa carta aí está errada. Papai era um homem grande. Não acredito que ele só tenha ajudado cem pessoas. Ele deve ter ajudado pelo menos um milhão! - Kevin acrescentou.

Lembranças de natais passados fluíram em minha mente.

Sandy sempre se vestia de Papai Noel nas festividades natalinas. A antiga roupa de Papai Noel não precisava de muito enchimento, e suas bochechas naturais e os ho, ho, ho faziam-nos rir.

Sentiríamos muita falta dele - particularmente nesse primeiro Natal; e não só nossa família. Haveria um voluntário a menos neste ano para entregar alimentos e presentes aos necessitados e para servir os convidados na casa Ronald McDonald. Um lindo cartão solidário assinado pelos alunos de sua classe da Escola Bíblica Dominical, da igreja, refletia o amor que sentiam por seu professor. Uma das crianças escreveu: "Eu não ficarei triste porque o senhor Martinez sempre me fazia rir." O Natal é um momento alegre, refleti. Assim como aquela criança, eu me recusei a ficar triste. Sandy tocara a vida de muitos - e, até mesmo agora, seu legado de ajuda ao próximo permanecia vivo.

Eu não poderia - e não iria - desapontá-lo.

Com um novo vigor, exclamei:

- Meninos, que tal começarmos com as luzes e deixarmos papai orgulhoso de nós?